

Uma Civilização Marcada pelo Quantitativo

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

24-1-60

Creio que não exagero, nem esquematizo, se disser que o lugar de destaque dado ao quantitativo foi uma das características da Civilização que substituiu o ocidental medieval, e que agora agonia diante de nossas perplexidades. A quantidade é o mais carnal dos predicamentos aristotélicos, mas é também, por causa de nossa natureza corpórea e racional, e por causa da maior conaturalidade entre a essência do ser sensível e nossa inteligência, a categoria que deu ao homem a mais forte sensação de domínio, e de domínio espiritual sobre o mundo. A matemática é uma espetacular espiritualização do mundo sensível. Lidando com a grandeza contínua e com a multidão descontinua, que só existem como acidentes de substâncias corpóreas, a matemática realiza uma transposição, por duplo grau de abstração, e passa a trabalhar com quantidades espiritualizadas, que só existem na mente, mas que estabelecem uma comunicação extremamente confortável entre a mente e o mundo exterior. Curioso paradoxo, esse da estrutura das ciências matemáticas! Enquanto o físico, na depuração de seu objeto formal, deixa para trás somente o singular concreto, e no seu primeiro grau de abstração ainda trabalha com a corporeidade e com as qualidades que a acompanham, o matemático, num segundo grau de abstração, deixa para trás a corporeidade e trabalha com entes que só existem como acidentes de corpos, mas são usados pelos matemáticos totalmente despojados de matéria. A diferença entre um círculo matemático e um círculo usado nos aparelhos astronômicos, não é somente o de grau de precisão. Não basta dizer que o círculo matemático é o limite para o qual tendem os círculos físicos à medida que aumenta a perfeição da fabricação e das medidas. Não; o círculo matemático é um círculo que decolou, que foi colhido no contingente, no sensível, no material, mas logo elevado ao necessário, ao incorpóreo, ao espiritual.

Com este e outros muitos exemplos poderíamos mostrar que o método matemático é um exercício fortemente espiritual; por outro lado, entretanto, podemos dizer que a matemática foi e continua a ser uma gloriosa prisão para o espírito. E sob esse ponto-de-vista, apesar de todos os seus aspectos descarnados que tocam o angelismo, a matemática não deixa de ser uma disciplina de retração mental e de empobrecimento da inteligência se, no ar que essa inteligência respira, o quantitativo ganhou título de critério principal.

E foi isto que aconteceu no ponto de inflexão histórico que tanta significação teve para o mundo cristão, e portanto para o mundo todo. Por motivos de extrema complexidade que talvez nos sejam revelados somente no dia do Juízo Final, o mundo ocidental cristão, movido por estranha composição de sentimentos coletivos, e sobretudo de ressentimentos coletivos, descobriu para o mundo do homem novos referenciais, como Copérnico os descobriu para explicar mais facilmente o movimento dos astros. Já tem sido formulado por muitos autores o feito que tomou a nova civilização, e o termo que mais frequentemente a caracteriza é o que se refere ao advento dos valores individuais que pareciam adormecidos nas comunidades medievais. Por isso a nova civilização é chamada de "individualista". Ora, é justamente a quantidade o princípio da individualização. Dentro da mesma espécie os indivíduos se definem pelos limites materiais, pela extensão, pela quantidade. É possível que muitos autores, ao usarem aquela denominação, pretendam dizer que o novo estatuto cultural trazia uma tomada de consciência maior dos valores pessoais e da unidade da singularidade, diria até da majestosa solidão da pessoa humana. Isto pode ter acontecido em forte proporção, mas certamente não foi essa valorização da pessoa humana que deu cor à nova civilização; foram antes os valores individuais, no sentido dado ao termo pelos escolásticos.

A Renascença e a Reforma trouxeram ao mundo um humanismo e uma concepção antropocêntrica do universo. O homem ocidental afirmava, por volta do século XVI, sua maioridade histórica. Mas infelizmente afirmou-a de um modo infeliz, procurando no indivíduo, no homem exterior como diria Santo Tomás, no homem velho, como disse São Paulo, a glória e a grandeza do homem. O antropocentrismo e o humanismo da Renascença são quantitativos. O que se vê, o que salta aos olhos no primeiro exame do fenômeno, e depois se confirma com realce cada vez mais nítido, é o critério quantitativo da valorização dos homens da Renascença. Dir-se-ia que houve uma inflação, que na arquitetura, nas vestes, nos hábitos, o homem procura inchar, abrir as penas como o pavão. O que Burckhardt chamou de homens universais, e que eram os heróis, ou os deuses do olimpo renascentista, eram sujeitos que procuravam acumular prendas e habilidades, que procuravam somar títulos, como hoje se diz.

Seriam universais num sentido extensivo, somatório, quantitativo, em que a diversidade sobrepuja a unidade. Os exemplos citados por Burckhardt, e colocados num capítulo de seu livro sobre a renascença italiana chamado "Desenvolvimento da Personalidade" dão Leonardo da Vinci e Leão Batista Alberti que até hoje espantam quando vemos a enumeração de suas aptidões. Deste último conta-se que desde a tenra infância foi sempre o primeiro "em tudo aquilo que fôsse digno de encômios"; e contam-se coisas incríveis, diz Burckhardt, de suas habilidades físicas: de pés juntos saltava por cima de uma pessoa, lançava na nave da Catedral uma moeda que ia bater nas mais altas abóbadas, e não havia porto selvagem que não tremesse debaixo de seu jugo. Três eram as coisas, dizia ele, em que não queria receber a reprovação dos homens: o andar, o cavalgar e o falar. Estudou música sozinho, compôs, tocou diversos instrumentos; estudou Direito, e depois dedicou-se à física e à matemática. Paralelamente aos estudos especulativos, tinha curiosidade de experimentar diversos ofícios, até o dos sapateiros, e não descurou a prática das artes plásticas que no tempo gozavam de grande prestígio. Pintou, esculpiu, dedicou-se à astronomia, fez versos em italiano e em latim, e deixou escrito um tra-

tado "Sobre o governo da família". Costumava dizer que os homens podem conseguir tudo por si mesmos desde que queiram. E não era só na Itália renascentista que apareciam esses homens pletóricos. Na brumosa Inglaterra do mesmo tempo surge o "Admirable Crichton" que aos dezessete anos, pelo que dizem as testemunhas do tempo, tinha percorrido todo o círculo dos conhecimentos humanos, falava e escrevia em dez línguas, possuía a arte de desenhar, a pintura, a equitação, a esgrima, e ainda por cima dizem que dançava e cantava arrebatadoramente. Tocava diversos instrumentos de música, e além disso era dotado de uma beleza física e de uma força muscular extraordinárias.

Esse fenômeno renascentista, que de certo modo repete a cultura helênica — Rouse Ball, na sua excelente História da Matemática, compara o Admirável Crichton ao belo e sábio Eratostenes — tem ao mesmo tempo duas significações que não se casam e que traduzem bem o dilaceramento em que viverá a humanidade inspirada em tais paradigmas. De um lado, como dissemos, há a inflação do eu, o aumento quantitativo de títulos, a sede competitiva de pontos de superioridade; e de outro lado, em oposição aos critérios carnis, há uma espécie de angelismo, e de pretensão de esgotar em cada indivíduo as perfeições da espécie, como acontece com os anjos.

O famoso humanismo renascentista, visto mais de perto, e com alguma atenção, revela as mesmas características quantitativistas. Os melhores homens da época, como o simpático Erasmo e como o santo Tomás Morus, não escapam ao expansionismo, à espiral inflacionária da cultura do tempo. Nunca se estudou tanto para tão pouco resultado, e sobretudo com tão mesquinho critério. O espírito de competição e de sucesso é que mantinha, desde a madrugada, debruçado sobre os textos gregos e latinos, os homens que bateram todos os recordes de horas de estudo. De tudo isto resulta um conjunto de obras medíocres. O Livro de Família daquele extraordinário Leão Alberti, é um espantoso documento de mediocridade. E o que deixaram Erasmo e Tomás Morus é certamente muito inferior ao que eles foram. O Elogio da Loucura de Erasmo de Roterdã, o Rei dos humanistas, é um livro francamente meio bobo, e é sobretudo um documento comprobatório da mediocridade coletiva da época. Uma das coisas que estavam em moda, e que Erasmo não deixa passar sem uma contribuição sua, era o achincalhe da escolástica. Os homens daquele tempo não tinham a virilidade espiritual de investigar, a fundo, as grandes incógnitas dos grandes problemas metafísicos. A cultura na moda era mais extensa do que intensa; mais quantitativa do que penetrante; mais expansionista do que perscrutadora. A época era de descobertas rudes e simples, como a dos continentes distantes e como a do sistema de Copérnico. A época é de expansão. Expansão do indivíduo, pela multiplicação de prendas, pela fama que nunca se cultivou com tamanha empenho, e expansão do mundo pela descoberta de terras novas e novos céus.

Expansionismo quer dizer quantitativismo. Em tudo. No culto da fama como no da difamação no culto do sucesso como no anseio de conquista de novas terras. Em tudo, a Civilização que substituiu a Idade Média tem em alto valor o predicamento da quantidade.

Dessa atitude filosófica, que Descartes interpretará tão bem, resultarão quatro séculos de misérias e de glórias. O homem conseguirá dar passos de gigante no domínio das forças naturais. Com aquele talismã — a quantidade — conseguirá somar ao trabalho do pesquisador moribundo o trabalho do pesquisador principiante. A quantidade é facilmente comunicável. Os trabalhos dispersos se somam, as experiências se acumulam, coisa que não se via nos outros domínios do conhecimento. Foi preciso passarem quatro séculos para que a humanidade começasse a desconfiar da solidez de suas conquistas no domínio das ciências regidas pela quantidade, e da falta que anda fazendo no mundo um princípio unificador de cultura. E muitas palavras, só agora, depois de muito sofrimento, começam os homens a desconfiar que conquistaram o mundo, mas perderam a alma.